

Eles não sabem o que fazem?: o discurso cínico e ideologia de gênero

Mônica Ferreira Cassana¹

Resumo: Neste trabalho, propomos uma análise do discurso sobre a ideologia de gênero, noção que passa a circular na sociedade brasileira a partir das discussões sobre o Plano Nacional de Educação. Nosso objetivo é demonstrar como os saberes sobre a noção de “ideologia do gênero” são afetados ideologicamente pelo discurso conservador, que se manifesta tanto no âmbito político quanto no religioso. Mostraremos a análise de um corpus que faz referência a como esses sentidos circulam no espaço pedagógico, a partir de três imagens que trataremos como sequências discursivas e que revelam o funcionamento do cinismo no discurso.

Palavras-chave: Discurso. Cinismo. Ideologia. Gênero.

Abstract: In this paper, we propose an analysis about gender ideology, a notion that begins to circulate based on the discussions on the National Education Plan. Our objective is to demonstrate how knowledge about “gender ideology” is ideologically affected by the conservative discourse, which presents itself in both political and religious contexts. We show the analysis of a corpus that refers to how these meanings circulate in the pedagogical space, considering three images that are treated as discursive sequences, and that reveal the functioning of cynicism in discourse.

Keywords: Discourse. Cynicism. Ideology. Gender.

Resumen: En este trabajo, proponemos un análisis del discurso sobre la ideología de género, noción que pasa a circular en la sociedad brasileña a partir de las discusiones sobre el Plan Nacional de Educación. Nuestro objetivo es demostrar cómo los saberes sobre la noción de “ideología de género” son afectados ideológicamente por el discurso conservador, lo cual se manifiesta tanto en el ámbito político cuánto religioso. Mostraremos el análisis de un corpus que hace referencia al modo cómo estos sentidos circulan en el espacio pedagógico, partiendo de tres imágenes que trataremos como secuencias discursivas y qué revelan el funcionamiento del cinismo en el discurso.

Palabras-clave: Discurso. Cinismo. Ideología. Género.

Introdução

¹ Professora no curso de Letras na Universidade Federal do Pampa, campus Bagé. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Nós, analistas de discurso, que trabalhamos na produção de sentidos a partir dos pressupostos de Michel Pêcheux, sabemos que um discurso nunca é produzido sozinho, mas na afetação entre saberes heterogêneos que são tramados em formações discursivas outras. Por isso, neste artigo, trabalharemos com o objetivo de perceber como o discurso relativo ao saber pedagógico é afetado pelo político e pelo religioso, principalmente quando o debate se centraliza na questão do gênero. Escolheremos, portanto, não usar a definição já consagrada sobre discurso pedagógico (ORLANDI, 1983), pois entendemos que não se trata da formulação de um discurso pedagógico, mas de um discurso conservador político e religioso sobre o pedagógico.

Iniciaremos este trabalho fazendo uma remissão às condições de produção em que a expressão “ideologia de gênero” passa a circular na sociedade brasileira. Para isso, é preciso realizar uma rememoração sobre alguns momentos que marcam a irrupção desse discurso. Historicamente, no Brasil, o debate sobre a educação está profundamente afetado pelo discurso político. O discurso político, portanto, engendra, através de documentos, leis, cartilhas, propostas para a educação no país, que nem sempre vêm acompanhadas de consulta pública, mas que servem para orientar docentes e instituições escolares a seguir normas para a atividade educacional. No caso do gênero, observamos uma crescente tentativa de obstruir esse debate, o que nos provoca a rememorar algumas questões fundamentais. Voltamos ao ano de 2012, quando a discussão sobre o Plano Nacional de Educação foi encaminhada ao Senado. Uma das propostas, em relação às diretrizes do plano, indicava, no artigo III do segundo parágrafo, a seguinte redação: “são diretrizes do PNE [...] III a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual e na erradicação de todas as formas de discriminação” (BRASIL, 2012).

Ao lado da promoção da igualdade e da erradicação da discriminação, os termos gênero e orientação sexual passam a circular desejando uma possível determinação de uma prática ideológica no saber pedagógico, que acompanha as movimentações sociais e discursivas pelas quais passa a sociedade. Precisamos

lembrar que a inclusão desses termos se deve às discussões contemporâneas sobre união homoafetiva, resoluções sobre a regulamentação de nome social por pessoas transexuais e travestis e a crescente discussão sobre a igualdade de gêneros que se amplia como um todo na sociedade brasileira.

No entanto, avesso a esse cenário progressista, o discurso sobre o pedagógico passa por uma reformulação, sendo afetado pelos saberes conservadores. Como exemplo desse processo, em 2014, é autorizada a lei 13.005, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e indica sua vigência pelos próximos dez anos. Na redação da lei, os termos gênero e orientação sofrem um apagamento, passando o artigo III ser descrito somente como: “são diretrizes do PNE: [...] III – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Assim, deparamo-nos com um apagamento do enunciado “promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”, que passa a ser substituído pelo enunciado genérico “promoção da cidadania”. A substituição desses termos apaga saberes historicamente formulados e significados no âmbito dos estudos de gênero e opacifica, através da discursivização do termo “cidadania”, os sentidos sobre gênero e discriminação. Tais vocábulos são eliminados por discursos políticos e religiosos de posições conservadoras, fortemente amparados por instituições religiosas que possuem representação política no sistema partidário brasileiro. A eliminação de tais vocábulos tem a ver com a forma como a ideologia é tratada no discurso conservador, sendo assim o que esse discurso prega é a eliminação do pensamento contrário ou diferente como se ele fosse inválido ou negativo.

Partimos da hipótese que esse apagamento produzido no discurso sobre o pedagógico, afetado pelos saberes conservadores, nega o gênero como construção social e instaura, dentro da sociedade brasileira, um movimento próprio da formação social capitalista: a manifestação de cinismo.

Ideologia, gênero e cinismo

No senso-comum, o cinismo está relacionado à desfaçatez e ao fingimento. Já no saber dicionarizado, o cinismo tem a ver com a oposição aos padrões morais e sociais. Um cínico seria um sujeito que não se interessa de fato pelo que acontece, mas finge se importar. Neste trabalho, partiremos desses saberes para investigar o cinismo como elemento próprio da formação social capitalista, e observaremos como essa formulação constitui sentidos sobre o/no saber pedagógico. Para isso, a noção ordinária de cinismo não é suficiente, sendo necessário convocar a noção formulada por Žižek (1992; 2010), que nos ensina sobre os desdobramentos dessa categoria e sua relação com a ideologia.

Žižek, apoiado em Peter Sloterdijk, nos fala sobre a “razão cínica”. Partindo da fórmula marxista “disso eles não sabem, mas o fazem”, o autor propõe um deslocamento. Afirma que uma das formas de expressão do cinismo, elementar à constituição ideológica, pode ser sintetizada no enunciado “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”. Percebemos que esse deslocamento tem a ver com a noção de consciência dos fatos, e com sua relação com o capital: é preciso fazer o que for preciso, sem pensar na consequência dos atos, objetivando apenas a manutenção das condições de produção e não sua transformação.

Sobre a ideologia, Žižek (2010, p. 312) nos ensina que “a questão principal é ver como a própria realidade não pode reproduzir-se sem essa chamada mistificação ideológica”. Os sujeitos, assim, nesse funcionamento da ideologia, sabem o que estão fazendo, porque têm consciência da realidade, funcionamento que resulta na razão cínica, que não se trata de uma ingenuidade do sujeito, mas de uma “falsa consciência esclarecida” (ŽIŽEK, 1992, p. 59).

Assim, Žižek nos mostra que o cinismo é a resposta da cultura vigente à subversão cínica, ou seja, há o reconhecimento do interesse particular que move o sujeito, mas, mesmo assim ele o dissimula e continua o fazendo. Portanto, na razão cínica, há consciência total da particularidade por trás da universalidade – a universalidade ideológica que permite aos sujeitos uma “liberdade”. Esse termo está escrito entre aspas pois sabemos que tal liberdade não passa de uma ilusão

burguesa e é justamente nesse ponto de articulação entre ideologia e língua que podemos deslizar para nosso campo teórico da Análise de Discurso.

O discurso cínico é a manutenção dos saberes sem consistência histórica mesmo sabendo dos efeitos de sentido que tais saberes podem produzir. No discurso cínico, há uma reiteração dos saberes da ordem da particularidade, há uma repetição do mesmo, que instaura um movimento parafrástico de conservação do cinismo. Podemos pensar essa proposta como a repetição que ocorre no discurso, em que o universal se refaz, (re)determinando o discurso.

Sendo assim, seu funcionamento no discurso aponta, na linearidade do dizer, para uma afirmação, que, ideologicamente, se desfaz. Dessa forma, o atravessamento da língua pela ideologia, não apenas opacifica os saberes, como em todo o discurso, mas, no funcionamento do discurso conservador, podemos dizer que o discurso cínico desfaçadamente se engendra, pois não há necessidade de comprometer-se histórica e socialmente com o que está sendo dito. Nesses termos, a noção de “ideologia de gênero” representaria uma formulação própria do discurso cínico no sentido em que afirma que, de fato, a noção de gênero é ideológica, mas desliza esse saber a outro sítio de significância, já que apresenta apenas uma concepção de gênero, a não binarista, como a única concepção “ideológica”. A discussão sobre a lógica binarista é extensa, mas gira em torno de um saber que faz retornar o discurso científico e biológico: só há duas formas de ver o sexo (a partir dos cromossomos XX e XY) e, portanto, só há duas formas de entender a manifestação da sexualidade: homem ou mulher. A forma não-binarista representaria toda a pluralidade de manifestação da sexualidade e de gêneros que desafia a ordem imposta pela lógica binarista.

Nesse discurso, ao eliminar (ou desejar eliminar) qualquer outra posição que venha a ser construída, o discurso cínico se forja: não há espaço para o pensamento diferente ou contrário, porque esse pensamento seria entendido como “ideológico”, na atribuição negativa que o termo ideologia representa ao discurso conservador. O questionamento que essa concepção traz reside na contestação a essa forma de ver o ideologicamente naturalizado como a negação da ideologia.

Tratando-se de um trabalho inscrito nos pressupostos teóricos e analíticos da Análise de Discurso pecheuxtiana, devemos discutir a noção de ideologia que se produz nesse espaço teórico. Para isso, retomamos Pêcheux, a partir do trabalho do Althusser e da noção de que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, s/d, p. 93). Pêcheux fala sobre o funcionamento da ideologia a partir do discurso, conforme os confrontos heterogêneos estabelecidos através das formações ideológicas e discursivas, a partir da noção de contradição que passa a ser a distinção fundamental em relação à proposta de Michel Foucault².

A noção de formação discursiva é explicitada pela existência dos aparelhos ideológicos de estado, e sua reverberação, no discurso, através das formações ideológicas. São esses elementos que asseguram a manutenção de saberes e que marcam ideologicamente o discurso. Sobre o conceito de formação discursiva e sua relação com a ideologia, Pêcheux (1980, p. 196) afirma:

Resulta imposible caracterizar una formación discursiva clasificándola entre otras formaciones mediante alguna tipología. Por el contrario, hay que definir la relación interna que mantiene con su exterior discursivo específico; en suma, determinar los avances constitutivos mediante los cuales una pluralidad contradictoria, desigual e interiormente subordinada de formaciones discursivas se organiza en función de los intereses puestos en juego en la lucha de clases, en un momento dado de su desarrollo y en una formación social dada.³

² Foucault propunha explicar a formação discursiva através de um sistema de dispersão de enunciados, isto é, entendendo que os discursos não estão relacionados sob a forma de uma unidade, mas, sim, a partir do estabelecimento de regularidades. O autor afirma que na possibilidade de definição de uma “regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações)”, dir-se-á que se trata de uma “formação discursiva” (FOUCAULT, 2015 [1969], p. 47). Ao conceituar essa noção a partir do conceito de “dispersão”, Foucault se aproxima de Pêcheux, quando esse autor fala da formação discursiva como aquilo que “pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009[1975], p. 147) no interior de uma FD. Essa aproximação é necessária para traçarmos o percurso do conceito de formação discursiva, que tem sua origem no trabalho de Foucault. No entanto, as formulações de Pêcheux distanciam-se do trabalho da Foucault, na medida em que este autor não considera um dos tripés em que se sustenta a análise de discurso pecheuxtiana: a noção de ideologia, já que Pêcheux ressignifica tal noção no âmbito do materialismo histórico.

³ É impossível caracterizar uma formação discursiva classificando-a entre outras formações mediante alguma tipologia. Pelo contrário, é preciso definir a relação interna que a formação discursiva mantém com seu exterior discursivo específico; portanto, determinar os avanços constitutivos mediante os quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza em função dos interesses postos em jogo na luta de classes, em um momento dado de seu desenvolvimento e em uma formação social dada (tradução nossa).

A noção de FD, portanto, passa a ser relacionada ao conceito de ideologia formulado pela AD (PÊCHEUX, 1980, p. 193): “una ideología es no idéntica a sí misma, no existe sino bajo a la modalidad de división, y no se realiza más que en la contradicción que con ella organiza la unidad y la lucha de los contrarios”⁴. A partir dessas afirmações, já organizadas por Pêcheux nos anos finais de seus estudos, podemos compreender que perceber que a ideologia é o elemento que organiza o discurso, inscrevendo-se a partir da relação de reprodução/transformação das relações de produção.

Isso significa que a noção de ideologia perpassa toda a rede significativa em Análise de Discurso, já que é uma preocupação de Pêcheux desde 1967, quando assina a sua “teoria geral das ideologias” como Thomas Herbert:

com efeito, se toda ciência é ciência de uma ideologia, “a ciência das ideologias” não pode escapar a esta lei. Ela não tem então por objeto primeiro uma realidade que seria a ideologia sob suas diversas formas “naturais”, mas uma teoria ideológica da ideologia (HERBERT, 1967, p. 67).

A partir do ensinamento de Herbert/Pêcheux de que toda ciência é uma ciência da ideologia, pensamos em que formação discursiva a noção de gênero passa a significar. Entendendo ainda que a formação discursiva é espaço poroso e heterogêneo, precisamos compreender que as concepções forjadas no interior do âmbito teórico dos estudos de gênero também estão, obviamente, afetadas pelos saberes ideológicos. O que se afirma, em formações discursivas que negam os estudos de gênero, é a ausência da ideologia, entendendo que a naturalização de alguns saberes (“Deus criou homem e mulher”, por exemplo) estão destituídos de uma afetação ideológica. Nessa medida, podemos pensar em como o cinismo em relação ao gênero se produz na nossa formação social, já que os sentidos ditos naturalizados são produzidos pelo esquecimento cínico de que não estão afetados pela ideologia.

Nesse sentido, o discurso cínico funciona na medida em que sujeito discursiviza saberes que, imaginariamente, acredita serem a verdade sobre um

⁴ Uma ideologia é não-idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão e só se realiza na contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários (tradução nossa).

determinado tema (“sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”). Essa ilusão da transparência do que se diz é necessária ao sujeito do discurso cínico, que passa a discursivizar saberes que não têm compromisso com a verdade. Essa falta de pudor não afeta o sujeito do discurso cínico, inclusive é necessária para que sua ideologia (mascarada como não-ideologia) seja aceita. Ao tomar a “ideologia de gênero” como um saber ideológico “por excelência” (ou seja, outros sentidos estariam destituídos de ideologia), os saberes forjados cinicamente passam a repercutir como inválidos, passíveis de negação e de afronta ao discurso conservador.

Ao enunciar a “ideologia de gênero”, o sujeito submete seu discurso à ordem dos esquecimentos: o primeiro diz respeito ao modo como a ideologia afeta esse sujeito e o segundo se relaciona ao modo como esse sujeito enuncia o que diz. O cinismo funciona na medida em que o sujeito que enuncia esquece-se de que a noção de gênero, de fato, se relaciona à ideologia, na mesma medida em que a negação do gênero também se relaciona. O esquecimento a que nos referimos aqui possui a especificidade de ser da ordem da impudência: o sujeito discursiviza aquilo que não tem interesse em saber se condiz ou não com os saberes que organizam a compreensão histórica e social de uma noção como o gênero. Em outras palavras, há um deliberado desprezo pela história e pelos estudos que se dedicam a compreender como essa noção se engendra socialmente.

Nossa hipótese é que, do ponto de vista da Análise de Discurso, a “falsa consciência esclarecedora”, mencionada por Žižek, materializa-se como discurso cínico a partir da discursivização da ordem do *como se*: enuncia-se algo que se acredita (de fato, a noção de gênero é uma categoria ideológica) *como se* essa relação não pudesse ser estabelecida, ou seja, *como se* a ideologia fosse apenas vista como uma questão relacionada a uma determinada formação ideológica e não fosse constitutiva de toda nossa formação social.

Para essa discussão, convocamos Butler (2015, p. 26) que afirma

se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma

descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo, por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos.

Portanto, o gênero é uma construção social que está atravessada por um gesto de interpretação em relação ao corpo. Sendo o gênero uma condição para o sujeito subjetivar-se e fazer sua identidade valer socialmente, não há como entender a existência de uma “ideologia de gênero”, já que a ideologia não está no gênero, mas por trás das construções sociais que (in)definem sujeito com uma sexualidade binária, estipulada na esteira de um discurso conservador religioso. Isso significa que a naturalização da noção de sexualidade também é uma categoria ideológica, mascarada através de um processo de naturalização de sentidos que carregam um já-dito há muito repetido: “sempre foi assim”.

O absurdo do discurso cínico sobre o gênero, que resulta na chamada “ideologia de gênero”, pode ser sintetizado nas palavras de Pêcheux (2009 [1975], p. 204)

A relação de desigualdade ou de discrepância entre os conhecimentos científicos (enquanto funcionamento conceptual) e a “ignorância” (que, como se sabe, não é o vazio mas o demasiadamente-cheio do impensado) pode tomar diferentes formas, conforme a natureza do aparelho escolar em que essa relação se realiza, e, em última instância, em função do modo de produção que domina a formação social considerada (...) essa discrepância não pode se anular mais – isto é, não pode, na qualidade de um “ir a fundo da questão”, desaparecer mais – do que a própria Ideologia (enquanto interpelação dos indivíduos em sujeitos) (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 204 - 205).

É através desse processo que nos situamos: os estudos de gênero e as teorias da ideologia são considerados ciência. A ciência também é um discurso, que está submetido à ideologia. Se, então, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, também é verdade que tais sujeitos são interpelados pelo gênero – sua aceitação ou recusa torna-se, assim, um movimento tão ideológico quanto o discurso científico naturalizado. O que provoca o embate é justamente a negação de que sentidos tomados como naturalizados não estão também afetados pela ideologia.

Procedimentos de apresentação do *corpus*

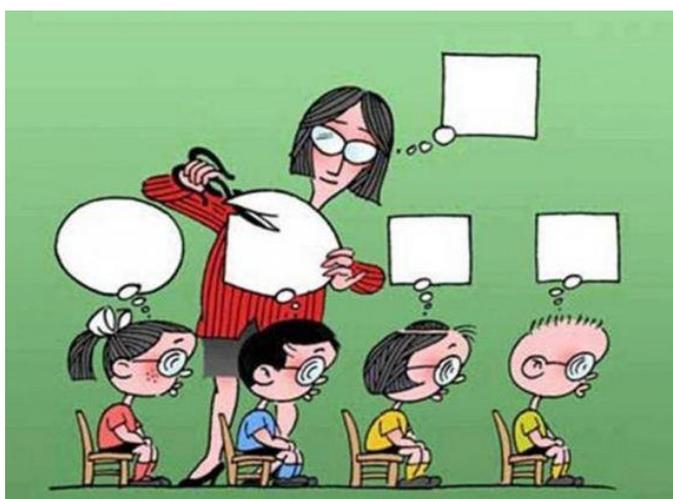
O *corpus* reunido para a análise do funcionamento do cinismo no discurso diz respeito à publicação de imagens que estimulam a reflexão sobre a relação entre educação e gênero. Trataremos as imagens como sequências discursivas, selecionadas por sua frequência de aparecimento nas redes sociais, formando nosso arquivo de documentos relacionados a esse tema. Segundo Pêcheux (1997, p. 57), o arquivo diz respeito a um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. A partir do arquivo, portanto, dos documentos que se organizam em torno da questão do gênero e da educação, recortamos nosso *corpus* de análise, a partir do gesto de interpretação que empregamos aqui. As sequências selecionadas possuem uma regularidade apenas em relação às imagens, que se mantêm as mesmas. No entanto, essas imagens são modificadas linguisticamente, o que nos causou um estranhamento e nos provocou a analisar esse arquivo como “uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição de sentidos” (HORTA NUNES, 2007, p. 374). Segundo Horta Nunes, o arquivo está sujeito à confrontação entre diferentes formas de interpretação. Diz o autor:

O arquivo nesse contexto é tido como um espaço de polêmica, em que se confrontam as posições interpretativas. É preciso primeiro observar os gestos de interpretação a partir das posições de sujeito e, em seguida, mostrar as relações entre essas interpretações, identificando as filiações discursivas, as contradições, as retomadas e deslocamentos, enfim, explicitando o movimento dos sentidos e dos sujeitos, no espaço tenso em que o real da interpretação pode tanto apaziguar quanto ameaçar (HORTA NUNES, 2007, p. 375).

O papel do sujeito analista neste processo não diz respeito à “comprovação” da leitura, mas à construção de um espaço de demonstração do funcionamento dessa leitura, investigando pistas, resquícios e tramas que a leitura de determinado texto suscitou.

Optamos por apresentar o *corpus* de trabalho em ordem temporal, pois, ainda que saibamos que na leitura do arquivo não se trabalha com a temporalidade empírica, mas sim com a temporalidade dos processos discursivos (HORTA NUNES, 2007, p. 376), entendemos que nosso *corpus* está profundamente afetado pelas discussões contemporâneas sobre gênero e seus efeitos na formação social brasileira. Partiremos da primeira imagem, a qual tivemos acesso como a publicação mais antiga e que – parece-nos – ser a imagem original. Sabemos, contudo, que essa não é uma preocupação dos estudos da Análise de Discurso, em que, mais do que saber a imagem primeira, interessamo-nos pelos gestos de leitura produzidos e provocados por tais imagens.

A segunda e terceira sequência discursiva tratam de uma repetição/transformação da primeira sequência. Estas imagens foram selecionadas de um *blog* sobre assuntos religiosos e de um compartilhamento na rede social *Twitter* por um humorista brasileiro, respectivamente. Dessa forma, essas considerações nos permitem apontar que a primeira imagem serviu como um discurso de referência a partir do qual os outros discursos deslizaram, produzindo diferentes efeitos de sentido, que se articulam com a posição dos sujeitos que defendem a “ideologia de gênero”.



Sequência discursiva 1⁵

⁵ Fonte <http://cenitpsicologia.com/blog/page/12/> (24 mai 2016). Acesso em: 25 jun 2018.



Sequência discursiva²⁶



Sequência discursiva²⁷

Análise

Um dos nossos objetivos, nesta análise, é demonstrar materialmente o modo como o discurso cínico se manifesta nas sequências discursivas. Em um primeiro momento, essa opção parece difícil por não haver uma materialidade de análise textual, mas é preciso tomar a imagem como uma materialidade

⁶ Fonte <http://www.rainhamaria.com.br/Pagina/20497/Prefeitura-de-Ariquemes-RO-manda-tirar-trechos-de-livros-escolares-com-uniao-entre-gays> – (24 jan 2017). Acesso em: 25 jun 2018.

⁷ Fonte: <https://twitter.com/reysiannchi/status/846781624217939968>. (28 mar 2017). Acesso: em 25 jun 2018.

discursiva e dirigir o olhar ao modo como as três imagens são reproduzidas e transformadas, de acordo com as condições de produção⁸ em que circulam.

A primeira imagem circula em vários sites da internet e, pela nossa busca, em todo o mundo, já que encontramos resultados da pesquisa em sites brasileiros, italianos, norte-americanos e franceses. Não nos interessa uma análise exaustiva dos meios onde essa imagem é produzida, mas, como leitores, identificamos que tal imagem se relaciona à discussão sobre educação e o papel do professor.

Na primeira imagem, que tratamos como a SD₁, somos apresentados a à imagem de uma professora de óculos em uma sala de aula, com os alunos sentados em fileira, cada um em sua classe. Percebemos um sentido de homogeneização do pensamento dos sujeitos-alunos que devem seguir o pensamento do sujeito-professor, o que pode ser corroborado através da imagem da conversão dos balões (que representam a fluidez do pensamento) em quadrados (que representam o pensamento imposto). Nessa forma de discurso, a polissemia está contida (ORLANDI, 1983, p. 16), estando o sujeito-professora na posição de comando. O sujeito-professora seria o responsável por determinar ideias, convicções, modos de pensar nos sujeitos-alunos. Seria esse sujeito, através do imperativo da ideologia, que transformaria e enquadraria os movimentos de aprendizagem dos sujeitos-alunos.

Notamos, entretanto, um vazio que deixa o leitor da imagem à deriva da interpretação. Ainda que possamos compreender que o sujeito-professora determina e arranja o saber, deparamo-nos com o vazio que nos permite, ao menos, dois gestos possíveis de leitura. O primeiro diz respeito à escola como propagadora do próprio vazio, do vazio das ideias, do assujeitamento ao apagamento do pensar. A segunda possibilidade de leitura, ainda mais abrangente, diz respeito à complementação, pelo leitor, do que pode vir a ser

⁸ Cabe lembrar que, no ano de 2018, em meio aos debates políticos, a expressão “ideologia de gênero” ganhou ainda mais relevo como um modo de identificação dos sujeitos em relação a uma determinada posição política, o que torna a delimitação das condições de produção um processo ainda mais heterogêneo, dada a afetação de vários discursos que incidem sobre essa designação.

preenchido pelo vazio. É sobre esse ponto que gostaríamos de seguir para passar à análise da segunda SD.

Na segunda SD, somos apresentados ao preenchimento desse vazio. Publicada em 24 de janeiro de 2017, a SD2 é produzida a partir de um deslizamento em relação à primeira imagem: o preenchimento ao qual nos referimos diz respeito ao discurso, uma vez que, nessa SD, temos acesso ao “pensamento” dos alunos marcado linguisticamente. Portanto, se antes havíamos sido apresentados a uma imagem que poderia ser compreendida como uma crítica à prática educativa, nesta segunda imagem somos apresentados à materialidade discursiva que aí se faz presente.

A imagem em questão foi compartilhada em um *blog* sobre assuntos religiosos, como ilustração de uma notícia sobre a decisão de dirigentes da prefeitura de uma cidade brasileira que determinam o apagamento de trechos de livros escolares que tratam da união homoafetiva. Assim, os sentidos possíveis de interpretação já não dizem respeito à falta, mas à saturação de sentidos: ao utilizar essa imagem, a autoria do *blog* repercute o sentido de que o sujeito-professora enquadra seu saber sobre a “ideologia de gênero” nos seus alunos. Os primeiros alunos aparecem, na imagem, já “contaminados” pela ideologia da professora. O funcionamento cínico do discurso atribui a esse sujeito a intenção de incutir, nos alunos, a “ideologia de gênero”. O sujeito-professora, com sua tesoura ideológica, molda os saberes na sala de aula e os dois primeiros alunos, que já passaram por esse processo, afirmam: “não quero casar” e “a família cristã está falida”. A forma negativa, no primeiro enunciado, já nos leva a pensar que a ideologia do sujeito-professora afetou negativamente o aluno que, antes, gostaria de casar. A afirmação “a família cristã está falida” mostra o atravessamento dos saberes religiosos no espaço pedagógico. A predicação “falida” retoma uma memória em que, “antes” da “ideologia de gênero”, a família cristã não tinha nenhuma ideologia, iludindo-se com a noção que de não há ideologia relacionada ao saber religioso, afinal, isso está naturalizado através da forma “sempre foi assim”.

No discurso cínico, a religiosidade ou as diferentes posições religiosas não são vistas como formas de manifestação da ideologia, ao passo a negação dessa

crença religiosa mostraria o funcionamento da chamada “ideologia de gênero”. Esses sentidos se complementam pelo enunciado proferido na imagem, ainda não recortada, da última aluna, que ainda afirma “quero me casar e cuidar do meu marido”.

Na terceira SD, observamos a constituição do discurso cínico através do encontro entre dois símbolos: a bandeira do comunismo e a bandeira LGBT. Essa imagem foi compartilhada na rede social *Twitter* em 28 de março de 2017, por um humorista brasileiro que claramente se coloca contra aquilo que denomina “ideologia de gênero”. Em sua página na rede social *Twitter*, em que nos deparamos com a imagem, pudemos ver que o comediante divulga e compartilha inúmeras postagens relacionadas a uma posição conservadora, que repercute saberes inconsistentes do ponto de vista histórico. Entendemos, em uma análise mais aprofundada do perfil (o que não é nosso objetivo, mas serve para amparar nossas análises), que as condições de produção em que essa sequência discursiva foi compartilhada refletem o posicionamento do sujeito, uma vez que não há, em nenhum momento, a indicação de que suas postagens se tratem de ironia. Outras postagens e compartilhamentos ratificam a nossa hipótese de que se trata de um discurso cínico, pelas razões que expomos na análise a seguir.

Na SD em análise, o sujeito-professora está recortando não o conteúdo a ser trabalhado na escola, mas está moldando as identidades dos alunos, que aparecem, na imagem, relacionadas ao sexo biológico e, evidentemente à concepção binarista. O símbolo do comunismo toma o lugar do significante “ideologia de gênero” no “pensamento” relativo ao sujeito-professora. Essa relação do comunismo com a sexualidade aparece como um discurso de ameaça ao discurso conservador, uma vez que coloca em cena a relação da política com a sexualidade. O sujeito-professora, por intermédio da “ideologia de gênero” estaria tosando as identidades dos alunos e tornando-os todos adeptos/assujeitados aos saberes relativos à homossexualidade. Novamente, o discurso cínico irrompe como um alerta ao que pode ser realizado no espaço escolar, estabelecendo uma relação absurda de que o sujeito-professora transformaria os sujeitos-alunos em homossexuais comunistas. Para isso, citamos Butler, que afirma

a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que gênero não decorre do sexo e aqueles em que práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero” (BUTLER, 2015, p. 44).

Dessa forma, o discurso cínico se produz a partir da negação do gênero como categoria, uma vez que não está necessariamente relacionada ao sexo. A expressão “ideologia de gênero” é construída na mesma formação discursiva que a ataca. Por isso, defendemos essa formulação como a irrupção do discurso cínico. O cinismo pode ser interpretado, na sequência em análise, como uma prática regular dos saberes conservadores. Tais saberes desejam produzir um discurso raso que une a ideologia, como uma prática exclusiva do comunismo, e o gênero, como uma prática exclusiva do saber homossexual. Esse discurso que se forja nesses espaços impossibilita os diferentes efeitos de sentido sobre o gênero e afeta os saberes de toda uma formação social.

O enunciado “diga não à ideologia de gênero nas escolas” complementa essa possibilidade de leitura, já que produz um sentido de que a escola e, principalmente, o professor, é responsável por inculcar determinados saberes nos sujeitos alunos. A discursivização do verbo no imperativo dá ao leitor o poder de fiscalizar o saber pedagógico, afinal, nessa perspectiva, todos devem inspecionar o trabalho do professor. Assim, há uma culpabilização do indivíduo professor, uma vez que é desse sujeito a responsabilidade de ensinar, mas deve ensinar somente aquilo que a ideologia cínica permite.

Considerações finais

Nas três sequências discursivas apresentadas, observamos a irrupção de um discurso cínico que se movimenta em direções diferentes, mas profundamente ligadas por um saber conservador. A primeira sequência diz respeito ao vazio, à crítica ao sistema educacional. O que isso representa deve estar relacionado às condições de produção em que a sequência é analisada. A

crítica generalista ao sistema educacional permite várias possibilidades de leitura, tanto que essa imagem é bastante difundida, a ponto de não encontramos, em nossas pesquisas, seu compartilhamento original. No entanto, não é o que acontece na segunda e terceira SD analisadas, as quais possuem uma filiação autoral, uma vez que foram compartilhadas por sujeitos em determinadas condições de produção, como explicamos na apresentação do *corpus*. Isso significa que houve um preenchimento do que se apresentava antes como vazio, compartilhado no *blog* (SD₂) e pelo humorista na rede social *Twitter* (SD₃). Não sabemos se as sequências foram produzidas pelos sujeitos, mas sabemos que essa tomada de posição identifica o modo como a ideologia se materializa no discurso, manifestando o cinismo na medida que as imagens relacionam a noção de ideologia a uma determinada formação discursiva, da qual esses sujeitos tentam se afastar.

Tentamos demonstrar que a “ideologia de gênero” não existe, a não ser na falsa consciência, como nos mostra Zizek (1992, p. 59), daqueles sujeitos que desejam a perpetuação do discurso conservador. Nesse sentido, a “ideologia de gênero” é um discurso cínico na medida em que as imagens divulgadas, analisadas como SD₂ e SD₃, sustentam a noção de que a única concepção que deve estar relacionada aos estudos de gênero deve ser a binarista, uma vez que é essa concepção que perpassa a ideia de uma “normalidade” e “neutralidade” em relação ao que deve ser a prática educativa. Assim, aquilo que não encontra acolhimento no discurso conservador representa uma construção outra, e passa a ser visto como um saber que foge ao naturalizado, e que por isso deve ser combatido através do que se designa por “ideologia de gênero”. Esse acobertamento do que é ideologia engendra a noção de que só a expressão “ideologia de gênero” é, de fato, ideológica e constrói uma farsa, encenada através do discurso cínico.

Defendemos que esse é um discurso que se constitui cinicamente pois revela um atravessamento de um outro tipo de vazio, que pode parecer se tratar do demasiadamente cheio do impensado, como nas palavras de Pêcheux, mas se trata de um funcionamento da ideologia, cujos sujeitos que o operam sabem muito bem o que fazem, e continuam fazendo mesmo assim.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa: Editorial Presença/ Martins Fontes, s/d.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação*. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Atualizada em 1/12/2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: jul 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber (1969)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias (1967). Traduzido por ZUCHIOLO, Carolina M. R., ORLANDI, Eni e NUNES, José H. *Revista Rua*. Campinas. Vol. 1, p. 63-89, 1995.

HORTA NUNES, José. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKY, FREDÁ e LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975)*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. PÊCHEUX, Michel. Remontémons de Foucault a Spinoza. Tradução de Miguel Rodríguez. In: TOLEDO, Mario Monteforte. *El discurso político*. Universidad Nacional Autónoma de México: Nueva Imagen, 1980.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma. In: ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

_____. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Recebido em 23/07/2018.

Aprovado em 19/11/2018.